3 Análise do texto

Depois de ter feito este caminho com o objetivo de esclarecer algumas questões na globalidade do Evangelho, situar a “cegueira” no ambiente religioso-sócio-cultural da Palestina, passa-se a uma possível reconstituição do texto original através da crítica textual. Em seguida procurar-se-á situar a perícopes em estudo Jo 9,1-12 no interior do “livro dos sinais”. Examinar-se-á também as características lingüístico-sintáticas, bem como, procurar-se-á delimitar, efetuar e justificar sua segmentação, seguida de uma análise do tipo de texto a que pertence a perícopes a ser analisada, ou seja, o gênero literário de Jo 9,1-12. Finalmente far-se-á a crítica da tradição.

3.1. Tradução e crítica textual¹

¹ Καὶ παράγων εἶδεν ἄνθρωπον ¹ E passando viu um homem cego de τυφλὸν ἐκ γενετῆς.^a nascença.

^aDepois de τυφλὸν ἐκ γενετῆς (cego de nascença) encontra-se no manuscrito D, a inclusão καθημενον (sentado). Esta inclusão do copista, foi intencional a fim de explicitar o modo como os cegos se colocavam sentados em diversos lugares. Por razões de segurança os cegos ficam sentados.

² καὶ ἠρώτησαν αὐτὸν οἱ μαθηται ² E perguntaram-lhe os discípulos dele αὐτοῦ λέγοντες·^b ῥαββί, τίς ἥμαρτεν, οὗ δὲ dizendo: “Rabi”, quem pecou, ele ou os ἢ οἱ γονεῖς αὐτοῦ, ἵνα τυφλὸς γεννηθῆ; pais dele para que nascesse cego?

¹ Seguimos o aparato crítico de Nestle-Aland.

^bO manuscrito D apresenta a omissão das palavras αὐτοῦ λέγοντες (dele dizendo). A omissão poderia pressupor que eram os discípulos dele e não de outros. Contudo torna-se irrelevante.

³ἀπεκρίθη Ἰησοῦς· οὔτε οὗτος ἥμαρτεν ³ Respondeu Jesus: “nem ele pecou, nem οὔτε οἱ γονεῖς αὐτοῦ, ἀλλ’ ἵνα os pais dele, mas a fim de que se φανερωθῇ τὰ ἔργα τοῦ θεοῦ ἐν αὐτῷ manifestassem, nele as obras de Deus.

⁴ ἡμᾶς^c δεῖ ἐργάζεσθαι τὰ ἔργα ⁴ A nós é necessário realizar as obras τοῦ πέμψαντός με^d ἕως^e ἡμέρα ἐστίν· daquele que me enviou enquanto é dia, ἔρχεται νύξ ὅτε οὐδεὶς δύναται vem a noite quando ninguém pode ἐργάζεσθαι. trabalhar.

^cDepois de ἡμᾶς, (nós), os códices² o substituem por εμε, (eu).

Pode-se considerar o termo “nós” referindo-se ao intuito de inclusão dos discípulos na missão de Jesus, como leitura mais difícil... pois logo adiante o relato retoma a linguagem, na primeira pessoa do singular. Poder-se-ia afirmar que copistas, por influência da linguagem, alterada no texto, tivessem sido induzidos a propor a substituição. Há um número um pouco maior de testemunhas a seu favor, encontra-se representada em todos os tipos de textos, mas tem uma menor quantidade do tipo de textos Alexandrino, o mais importante.

Contra-pondo-se aos quatro testemunhos que se colocam a favor do texto original.

Em relação aos critérios de evidência interna, a maioria deles é de difícil aplicação. É possível, que a intenção de Jesus tenha sido a de incluir os discípulos como continuadores de sua missão. Considerando-se esta questão, como também, a avaliação dos critérios de evidência externa e interna, somos da opinião, de que o texto sem a substituição tem maior probabilidade de aproximação do texto original.

^dSubstituição simples do pronome με, para o pronome ἡμᾶς, testemunhada pelos manuscritos:³ Esta leitura conta com um número relativamente baixo de

² $\aleph^1$ A C Θ Ψ Γ^{1.13} 33 M lat sy ac² bo^{mss}

³ P^{66.75} κ^* L W pc pbo bo

manuscritos, em relação à quantidade de testemunhos.⁴ É provável que esses códices buscassem harmonizar com o primeiro pronome ἡμᾶς.

⁵ ὅταν ἐν τῷ κόσμῳ ὦ, φῶς εἰμι
τοῦ κόσμου.

⁵ Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo”.

⁶ ταῦτα εἰπὼν ἔπτυσεν χαμαὶ καὶ
ἐποίησεν⁸ πηλὸν ἐκ τοῦ πτύσματος
καὶ ἐπέχρισεν αὐτοῦ τὸν πηλὸν ἐπὶ
τοὺς ὀφθαλμοὺς

⁶ Isto dizendo, cuspiu e fez barro com a saliva, e ungiu-o com o barro sobre os olhos.

⁷ καὶ εἶπεν αὐτῷ· ὕπαγε νίψαι εἰς τὴν ⁷ e disse-lhe: “Vá, lava-te na piscina de
κολυμβήθραν τοῦ Εἰλωάμ (ὃ ἐρμηνεύεται Siloé “que quer dizer ‘Enviado’”. Foi
ἀπεσταλμένος). Ἀπῆλθεν οὖν καὶ pois, lavou-se e voltou vendo.
ἐνίψατο καὶ ἦλθεν βλέπων

⁸ Οἱ οὖν γείτονες καὶ οἱ θεωροῦντες
αὐτὸν τὸ πρότερον ὅτι προσαίτης
ἦν^e ἔλεγον· οὐχ οὗτός
ἐστίν ὁ καθήμενος καὶ προσαιτῶν;

⁸ Então os vizinhos dele e os que o tinham visto antes, porque era cego e mendigo, diziam: não é este o que ficava sentado e pedindo?

^eSubstituição - primeira lição προσαίτης ἦν (mendigo era), para τυφλὸς ἦν. (cego era) testemunhada pelos manuscritos:⁵ Segunda lição τυφλὸς ἦν καὶ προσαίτης (cego era e mendigo) testemunhada pelos manuscritos: 69 pc it.

É provável que esta leitura, de modo especial a segunda lição, queira enfatizar a conseqüência da cegueira, expressada pela ênfase dada na conjunção καὶ (e). O texto original tem o mesmo sentido, ao dizer “mendigo era”. Todavia, no nosso modo de ver, a segunda lição parece estar mais voltada para a exclusão social em que viviam os cegos. É o que se passa com o cego de nascença, sendo cego era também mendigo. No relato ele não tem nome. É citado pelos vizinhos,

⁴Cf. CÁSSIO, Murilo Dias da Silva. *Metodologia da Exegese Bíblica*, pp. 45-46. A lição com mais probabilidade de ser original é a que apresenta uma múltipla atestação de testemunhas.

⁵ C³ Γ Λ f¹³ 700.892. 1241.1424 M

como aquele que estava sentado pedindo e após o confronto com os chefes da sinagoga, foi expulso da mesma.

É a primeira vez em que aparece no texto que o cego era mendigo. Portanto, o nosso parecer é que a segunda leitura dá mais ênfase ao estado de exclusão, na qual vivia o cego de nascença. Faz-se opção pela segunda lição

⁹ ἄλλοι ἔλεγον ὅτι^f οὗτός ἐστιν, ἄλλοι ⁹ Alguns diziam: é esse; outros diziam: ^g ἔλεγον· οὐχί, ἀλλὰ ὅμοιος αὐτῷ “não, mas é semelhante a ele”. Ele ἐστιν. ἐκεῖνος ἔλεγε ὅτι ἐγώ εἰμι. respondia: “sou eu”.

^fOmissão do termo ὅτι (que) ou dois pontos, atestada pelos seguintes manuscritos:⁶

Observa-se que provavelmente o uso deste termo faz parte da linguagem coloquial de João. Aparece quatro vezes no texto. Uma para reforçar a linguagem, significando explicação, igual à do v. 8. Todas as outras vezes com proposta de omissão pelas leituras das variantes, com o significado de: dois pontos: Levando em consideração a fórmula convencional, nós traduzimos o termo por dois pontos e optamos pela vigésima sétima edição.

^gSubstituição de ἔλεγον οὐχί ἀλλὰ, (diziam não mas), por δὲ ὅτι, (e outros):⁷ primeira lição, com os seguintes testemunhos:⁸ segunda lição: δὲ ἔλεγον, (e diziam), testemunhada pelos manuscritos:⁹ terceira lição: δὲ, (e), atestada por:¹⁰ Os seguintes manuscritos são a favor da edição do texto original:¹¹ Pode-se avaliar, pelo critério da lição mais breve, levando em consideração a importância dos testemunhos que apóiam a décima sétima edição que este texto tem mais probabilidade de ser o original.

Por isso, não obstante o número de manuscritos, a favor da inclusão, ser maior, escolhe-se a leitura do texto original. Parece-nos, no entanto, que a variante não é de grande relevância para a compreensão do texto.

⁶ P⁶⁶ s w θ 1844 l 2211 pc it

⁷ Ver nota acima -135.

⁸ A Ψ f¹³ M f l sy^h ac² M^f.

⁹ 070 f¹ 565 pc aur vg.

¹⁰ s θ pc vg^{mss} sy^{hmg}.

¹¹ P^{66,75} B CW pc b (r¹) sy^p L 33. 892.

¹¹ ἀπεκρίθη ἐκεῖνος· ὁ ἄνθρωπος ὁ λεγόμενος Ἰησοῦς πηλὸν ἐποίησεν καὶ ἐπέχρισέν μου τοὺς ὀφθαλμοὺς καὶ εἶπέν μοι ὅτι ὕπαγε εἰς τὸν^h Σιλωὰμ καὶ νίψαι· ἀπελθὼν οὖν καὶ νιψάμενος ἀνέβλεψα.

¹¹ Respondeu ele: “Um homem chamado Jesus fez barro, ungiu-me os olhos” e disse-me: “Vai à Siloé e lava-te”. Indo, pois, tendo-me lavado, vejo.

^hSubstituição¹² simples do artigo τόν, vai à Siloé... para τὴν κολυμβήθραν τοῦ. Atestada pelos seguintes manuscritos:¹³ testemunhos a favor do texto da décima sétima edição:¹⁴

O confronto entre os testemunhos apresentados pela variante e os que favorecem o texto original, a partir dos critérios de evidência externa e interna, nos ajuda a fazer a escolha pelo texto original.

¹² καὶ εἶπαν αὐτῷ· ποῦ ἐστὶν ἐκεῖνος; ¹² E perguntaram-lhe: “onde está ele”? λέγει· οὐκ οἶδα.

Disse-lhes: “não sei”.

3.2. Jo 9,1-12 - sua situação no livro dos sinais

Em João, σῆμαίον (sinal) é toda ação realizada por Jesus que, sendo visível, leva os espectadores, por si só ao conhecimento de uma realidade superior.¹⁵ Segundo Dodd¹⁶ toda a linguagem de João está penetrada por um conjunto de simbolismos próprios do mundo judaico-helenístico no qual ele escreveu. O símbolo não se opõe ao “real”. Pelo contrário só é simbólico aquilo que apresenta uma realidade com a qual quem o olha entra em comunhão.

¹² Cf. UWE, Wegner. *Exegese do Novo Testamento*, p. 58. “A substituição, pode, às vezes consistir de pequenas variações ou alterações no gênero, caso, tempo ou modo verbal de um vocábulo”.

¹³ A Ψ f¹³ 33 M lat (sy) as^{ms}.

¹⁴ P^{66,75} B D L Θ 070 f¹ 565. 1241 al it.

¹⁵ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO Juan. *O Evangelho de São João*, p. 258.

¹⁶ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Evangelho de João*, p. 325.

Não é o caso de desenvolver aqui uma teoria do símbolo,¹⁷ tendo como pressuposto que as propostas dos especialistas são as mais variadas possíveis, dependendo da área em que atuam - a filosofia, a história das religiões ou a análise psicológica -¹⁸ mas é bom lembrar alguns pontos fundamentais referentes ao simbolismo bíblico, sobretudo a título de introdução, neste item, no qual tratar-se-á da situação da perícopes no Livro dos Sinais.

A importância dos sinais nos escritos Joaninos reside em que eles são “símbolo”, ou seja, uma forma representativa - imagem, sinal, gesto, acontecimento - cujo valor ultrapassa àquele que deriva de sua existência puramente fenomenal. João é herdeiro da grande tradição bíblica. Assim no seu modo de transmitir a mensagem de Jesus, a água viva, o pão, exprimem diretamente realidades de salvação. João faz sobressair dos milagres de Jesus não tanto o seu poder de taumaturgo, por certo reconhecido por seus contemporâneos e pelo evangelista, mas algum aspecto da salvação oferecida ao homem como um todo e daí, algum aspecto de Jesus. Deste modo a visão restituída a um cego de nascença simboliza que Jesus é a luz.¹⁹ O texto inteiro do quarto Evangelho pode ser considerado de uma maneira simbólica.²⁰

Segundo Dodd²¹ entre toda a literatura neotestamentária, é o “corpus Johanneum”²² que mais se serve do simbolismo. Esta dimensão é tão importante que “nenhum conhecimento do Evangelho de João é possível sem uma apreciação do papel desempenhado pelo simbolismo”.

Em 1968 Dodd²³ consagrou um pequeno capítulo de sua obra “A Interpretação do Quarto Evangelho” ao simbolismo usado por João, onde ele diz

¹⁷ “A expressão *σημεῖον* é comum no Antigo Testamento - significa algo extraordinário, um milagre. É aplicado aos atos simbólicos realizados pelos profetas. No símbolo era dada também a coisa simbolizada. É fácil a transição disto para o tratamento simbólico dos atos de Jesus no quarto Evangelho. É provável que Jesus tenha feito atos simbólicos. É certamente do estilo Joanino tratar seus atos como tais. Comentando onde as árvores do Paraíso são descritas como ‘de aspecto agradável para comer’. O autor diz - observa Fílon - não só de ‘aspecto agradável,’ que é o símbolo dos contemplativos, mas também ‘bom para comer’ que é um *σημεῖον* útil e prático. O uso de Fílon não é precisamente o do quarto Evangelho, que é em alguns casos mais próximos do uso profético; mas ele dá claramente ao *σημεῖον* o sentido de ‘símbolo’, e isto está bem próximo ao sentido de um ato significativo ou simbólico, que eu considero como sendo o do quarto Evangelho” Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, pp. 181-183.

¹⁸ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. “Símbolo”, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, pp. 24-26.

¹⁹ Cf. HUNTER, A. M. *Saint Jean Témoin du Jésus de l’Histoire*, pp. 87-104.

²⁰ Cf. SANTOS, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, pp. 357-364.

²¹ Cf. DODD, Charles A. *A interpretação do Quarto Evangelho*, p. 359.

²² As três cartas de João, o Evangelho segundo João e o Apocalipse.

²³ Citado por LÉON-DUFOUR, Xavier. *O Evangelho e a História de Jesus*, pp. 123-128

que o “símbolo é absorvido dentro da realidade por ele significada”. Os símbolos provêm da vida diária, mas sua significação deriva das ricas associações que eles adquiriram no Antigo Testamento e na literatura apocalíptica. Há uma relação integral entre o símbolo e a realidade por ele apresentada independentemente de onde o símbolo ocorre: nos discursos, na alegoria, ou no fato histórico. Os próprios acontecimentos, os sinais Joaninos são atos simbólicos. Todo o Evangelho de João, narração e discursos, estão “demarcados por uma intrincada rede de simbolismos” e descreve um mundo no qual fenômenos, coisas e acontecimentos, formam uma imagem viva e dinâmica do eterno... um mundo no qual o Verbo se fez carne.²⁴

A perícopes do cego de nascença Jo 9,1-12 é o quinto sinal realizado por Jesus. Tem uma história de tradição independente, anterior a João. No entanto, dificilmente pode-se descobrir nela um relato de cura original e pré-Joânico, porque a narração está tão fortemente marcada de linguagem e mentalidade Joânicas, que em sua redação atual deve-se tomá-la como narração Joânica. As diversas afirmações e reflexões mostram que esta narração foi elaborada por completo dentro da teologia Joânica dos sinais. É verdade que podemos ver na cura de cegos nos sinóticos Mc 8,22-26 e 10, 46,52 certos paralelos objetivos, mas a forma e a finalidade do relato são totalmente diferentes²⁵ comenta independentemente o motivo apresentado. A diferença, segundo Bultmann,²⁶ está sobretudo na discussão anexa, bem como no fato de que Jesus toma a iniciativa do milagre, o que é comum nas narrações Joânicas de milagres.

O texto está inserido num conjunto maior dos capítulos 7º ao 12 de João, onde Jesus se revela publicamente. Até agora Jesus ensina somente por ocasião dos sinais, mas aqui ele o faz em Jerusalém, por ocasião da festa dos Tabernáculos. A revelação ainda não é plena. Esta se dará com a sua morte. Em toda esta parte aparece ainda mais que na anterior a revelação de Jesus interativa e progressiva. É uma revelação que tem por finalidade estabelecer a crise entre os homens, tal como já havia anunciado anteriormente Jo 5,22, emoldurado por dois núcleos de discursos e dois sinais, os últimos que realiza: cura do cego e ressurreição de Lázaro. Tudo vai tragicamente se esclarecendo e tornando ainda

²⁴ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, pp. 190-194.

²⁵ Cf. BLANK, Josef. *O Evangelho Segundo João*, pp. 192-194.

²⁶ Cf. BULTMANN, R. *The Gospel of John*, pp. 234-238.

maior o grupo dos que não aceitam a luz.²⁷ Estes capítulos relatam o longo confronto que opõe Jesus ao mundo e mais especificamente ao judaísmo hostil, cuja rejeição da revelação de Jesus é evidente. Tomando Jesus à parte, por causa de uma cura em dia de sábado, os “judeus” o acusam de violar o sábado. A resposta de Jesus agrava a controvérsia, pois doravante os “judeus” tramam acabar com ele, porque blasfema, fazendo-se igual a Deus, Jo 5,1-18. Num longo confronto jurídico, o assim chamado “processo judeu” no quarto Evangelho. Jesus vai demonstrar que em sua qualidade de enviado, sua pretensão não é blasfematória e apela para as testemunhas em seu favor.²⁸

O episódio inscreve-se no prolongamento da festa das Tendias, como o sugere a conjunção καὶ, no início do relato. Portanto, o capítulo 9º de João, constitui uma unidade independente firmada pela mudança de lugar: “Ao sair do Templo”.

No entanto, o relato só é datado em Jo 9,14: Era sábado, após a delimitação das sub-unidades adotadas nesta dissertação: Jo 9,1-7 a cura do cego de nascença e Jo 9,8-12, conforme a estrutura apresentada por Blank e Léon-Dufour,²⁹ abrangendo somente a discussão com os conhecidos e vizinhos do cego de nascença, no que se refere à constatação do sinal, que o leva a testemunhar Jesus. Aqui a delimitação inferior é marcada pela mudança de cenário: “Levaram-no à presença dos fariseus”. A delimitação do texto será mais detalhada no item 2.3 - letra b. A partir de Jo 9,12, o cego é questionado pelos dirigentes da Sinagoga a respeito da cura realizada por Jesus. O texto dá continuidade ao confronto com os fariseus, iniciado no capítulo 5º, indo até ao extremo, no capítulo 8º, onde Jesus foi praticamente expulso do Templo, ameaçado de morte. A agressão agora se dirige ao cego que também acabará sendo expulso da Sinagoga, mas quem está por trás da cena é Jesus, por ter realizado a cura em dia de sábado.³⁰

Há um duplo movimento, que tem suas extremidades nos versículos 1 e 41, do capítulo 9º, sublinhado por elementos significativos. A toda pergunta feita ao cego corresponde uma confissão em favor de Jesus: um homem chamado Jesus Jo

²⁷ Cf. DE LA CALLE, Francisco. *Teologia dos Evangelhos de Jesus*, pp. 79-91.

²⁸ Ver Jo 7,11-52; Jo 8,12-59; Jo 10,22-42.

²⁹ Cf. BLANK, Josef. *O Evangelho Segundo João*, pp. 193-199 e DUFOUR-LÉON, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, p. 229. “A delimitação da perícopa de Jo 9,1-12 feita pelos dois autores consta de duas partes: a primeira trata do diálogo com os discípulos e a cura do cego (Jo 9,1-7); a segunda se refere à primeira discussão com os vizinhos e conhecidos do cego e conseqüentemente à confirmação da cura por estes” (Jo 9,8-12).

³⁰ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho Segundo João I*, pp. 235-238.

9,11, um profeta Jo 9,17, um enviado de Deus 33.³¹ Não obstante a unidade do capítulo 9º, confirmada por muitos autores, o texto não se encontra solto, como se pudesse ser inscrito em qualquer outro lugar do quarto Evangelho. A frase central que liga nosso capítulo com o anterior é: “Eu sou a luz do mundo”.³²

O tema do “livro dos sinais” é Cristo que se manifesta ao mundo como vida e luz, sendo, porém, rejeitado. Os dois sinais, vida e luz, são os principais, os outros derivam destes.³³ A última secção Jo 9,35-41 constitui como que o pano de fundo do capítulo 10º que se interliga com o capítulo 9º. Rejeitado pelos que não aceitam a luz - os fariseus, o ex-cego é acolhido pelo Filho do Homem. **Ele é a primeira ovelha do rebanho** que o bom Pastor conduz às pastagens abundantes, ou seja, recebe de Jesus a vida.³⁴

3.3. Crítica literária

No que diz respeito à sua disposição literária, o capítulo 9º se conta entre os melhores, literalmente falando, e mais densos de todo o Evangelho de João.³⁵ Trata-se da “cura do cego de nascença”, no entanto, alguns autores adotam o título: “Jesus cura a cegueira dos homens”. Esta é uma indicação de que a cura do cego de nascença é simbólica. O cego, como acontece com muitos personagens no Evangelho de João, é um personagem simbólico, representando a cegueira da humanidade, constituindo-se assim, uma característica do autor.³⁶

O Evangelho se distingue pela acentuada utilização do simbolismo, da ironia, das expressões de vários sentidos, do motivo da incompreensão etc., que tendem a gerar uma série de “mal-entendidos” como, por exemplo, no caso de

³¹ Cf. FABRIS, Rinaldo in MAGGIONI, Bruno. *Os Evangelhos II*, pp. 378-382.

³² Cf. Jo 9,5 paralelo a Jo 8,12.

³³ Cf. LÉON-DUFOUR, Xavier. *O Evangelho e a História de Jesus*, pp. 124-127. “A vida e a luz foram trazidas pelo Verbo. Em seguida florescem muitas espécies de simbolismos parciais: o cordeiro, o vento, a água, a fonte, o pão, o pastor, o caminho... Longe de ser um revestimento platônico, o simbolismo é um aspecto normal e necessário da história do Verbo de Deus encarnado”.

³⁴ Cf. DODD, Charles. A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, pp. 449-459.

³⁵ Cf. BLANK, Josef. *Evangelho Segundo João*. p. 193.

³⁶ Cf. MATEUS Juan & BARRETO Juan. *O Evangelho de São João*, p. 17. Um recurso comum no Evangelho são os personagens representativos. Muitas das que aparecem não atuam apenas como figuras históricas, mas investidas de determinada representação. Caso especial é o de “discípulo que Jesus amava” figura anônima que representava o discípulo ou a comunidade, enquanto amigos de Jesus.

Nicodemos (Jo 3,4).³⁷ Esses traços decorrem da perspectiva redacional do Evangelho. O Evangelho de João é antes de tudo, o “Evangelho da comunidade”, porque ela pode reconhecer nele tanto a sua própria história como a história de Jesus, ou seja, o escrito é costurado por dois fios que se entrelaçam formando o tecido belíssimo do conjunto: vida de Jesus e vida da comunidade. De fato o Evangelho que João coloca em cena é o Cristo glorificado na e pela comunidade.³⁸

Há no texto expressões típicas de João como “ἐγώ εἰμι”. Esta expressão é uma referência clara ao livro do Êxodo, onde Deus se revela a Moisés: “Eu sou o que sou” como o Deus dos antepassados, aquele Deus que prometeu formar um povo, agora vai cumprir a promessa. Deus quer ser invocado sempre com este nome e manifesta a sua identidade dentro de um processo de libertação. No episódio do cego de nascença esta expressão tem o sentido de revelar a identidade de Jesus e antecipa simbolicamente a salvação que só ele pode oferecer.³⁹ Ao curar o cego de nascença Jesus o recria, devolvendo-lhe a dignidade da vida. O verbo ἀπεκρίθω⁴⁰ aparece muitas vezes, não só nesta perícopa, mas também nos Sinóticos - caracteriza o início do diálogo de Jesus com seus interlocutores - no texto em questão aparece no diálogo com os discípulos e no confronto do cego com os vizinhos: respondeu ele (Jo 9,11), ou seja, observa-se uma mudança do estilo narrativo para o discursivo. O verbo ἔπτωσω é um hápax Joânico.

No que se refere aos tempos e formas verbais, João ignora o uso do particípio futuro, do infinitivo futuro, do optativo, formas que caracterizavam a literatura grega na época. Ao contrário, ele emprega de modo adequado os tempos: para a narração, faz alternar o aoristo e o presente histórico 164 vezes no Evangelho. Na perícopa (Jo 9,1-12), este dado é evidente, o aoristo aparece 24 vezes e o presente histórico 25, forma usada para narrar um acontecimento. Neste ponto, o Evangelho se assemelha ao de Marcos, enquanto que Lucas, mais literário evita o presente histórico.

A partícula καὶ também pode ter o sentido aditivo, como se constata em Jo 1,10.11. A conjunção οὖν é encontrada 200 vezes e caracteriza o estilo de João: ao lado dos empregos corretos exprimindo a consequência do que se diz. João

³⁷ Cf. BENTO, Bento Silva. *Teologia do Evangelho de São João*, p. 368.

³⁸ Cf. MOINVILLE, Odete. *Escritos e Ambiente do Novo Testamento*, pp. 199-201.

³⁹ Cf. MOINVILLE, Odete. *Escritos e Ambiente do Novo Testamento*, p. 169.

⁴⁰ Cf. UWE, Wegner. *Exegese do Novo Testamento*, p. 54.

emprega constantemente οὖν como um narrador popular pontua seu escrito de então... então...

O substantivo ἔργον aparece duas vezes na perícopre e é também vocabulário próprio do quarto Evangelho, 6 vezes em Mt, 2 vezes em Lc, 24 vezes em Jo. Todo o texto é marcado por substantivos que se repetem ao longo do relato... personagens: Jesus 2 vezes e o cego 2 vezes, estes são os principais. Aqui entra um fator de coesão do texto, o uso da proforma⁴¹ com a função de unir uma frase à precedente mediante um pronome “αὐτοῦ ou αὐτῶ ”, remetendo a uma pessoa anteriormente citada. Estes pronomes aparecem várias vezes na perícopre do cego de nascença. Os personagens também são: os discípulos, os pais, os vizinhos e outros substantivos denominados: mundo 2 vezes - 9 vezes em Mt, 3 vezes em Lc, 3 vezes em Mc, 78 vezes em Jo; luz 2 vezes - 7 vezes em Mt, 1 vez em Lc, 7 vezes em Mc, 23 vezes em João. Os substantivos dia-noite se inserem na categoria de pares opostos que também é uma característica da linguagem de João. Terra; piscina; Siloé; barro. Este último é encontrado somente na perícopre Jo 9,1-12, portanto em João 2 vezes. O termo saliva é encontrado apenas uma vez em todo o Evangelho de João (hapax joânico); olhos 2 vezes; homem 2 vezes; mendigo 1 vez e Rabi que significa mestre.

Uma série de expressões de João corresponde aos escritos de Qumran. Na lista colocada por Schnackenburg⁴² citam-se alguns exemplos: praticar a verdade; testemunhar a verdade; andar nas trevas; a luz da vida. De fato, há paralelos entre o quarto Evangelho e o pensamento dos essênios que moravam numa colônia no local chamado Qumran na região do mar Morto. Mas, segundo Brown⁴³ não existe prova convincente de que o autor Joanino conhecesse esta literatura. Tal semelhança com estes escritos se explica pela conversão de “judeus”, seguidores de João Batista para a comunidade Joanina que tinham o mesmo tipo de idéias que conhecemos através destes escritos. Quando surgiu a alta cristologia,⁴⁴ Jesus teria sido interpretado, à luz destas idéias, como a luz celeste que desceu do alto, seus seguidores, como os filhos da luz.

⁴¹ Cf. WILHELM, Egger. *Metodologia do Novo Testamento*, p. 7.

⁴² Cf. SCHNACKENBURG, Rudolf. *Das Johannes Evangelium*, p. 91.

⁴³ Cf. BROWN, Raymond E. *A Comunidade do Discípulo Amado*, p. 108. Segundo o autor a alta cristologia advém da idéia da preexistência de Jesus na comunidade Joanina.

⁴⁴ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 295.

Observa-se um número suficientemente importante de termos arameus no corpo do Evangelho, seguido freqüentemente de interpretação grega: Rabbi - 8, rabbouni -1, Messias - 2, Siloé em Jo 9,7 com sua interpretação cristológica, Betsaida, Gábbatha, Gólgota. O vocabulário manifesta uma inserção do quarto Evangelho na tradição Palestinense.

Mas o Evangelho de João foi escrito desde o princípio em grego, ainda quando sua linguagem acuse um colorido semítico. Segundo Schnackenburg,⁴⁵ a idéia de Bonsirven é possível de ser aceita: João, filho de Zebedeu, meditando sobre as palavras de Jesus - daí os aramaísmos no vocabulário - teria composto o Evangelho num grego simples, ou também se poderia pensar, que um discípulo seu, bem familiarizado com o judaísmo, que em sua juventude houvesse falado o arameu e tivesse também conhecimento do hebreu e mais tarde se tornado um judeu da diáspora, deu ao Evangelho o revestimento lingüístico. Porém, conservando o vocabulário de seu mestre.

3.4.

Crítica das formas

a - Gênero literário

A perícopes do cego de nascença (Jo 9,1-12) como nós a conhecemos apresenta-se na forma narrativa - cura de um cego na piscina de Siloé e de diálogos: teológico entre Jesus e seus discípulos e sob a forma jurídica. As duas partes são intimamente ligadas e formam uma unidade Joanina simples de narração e discurso.⁴⁶ Coloca-se, ao lado da cura do paralítico de Betsaida (Jo 5,1-47) e da ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-44) como uma das três histórias de milagres que, com suas amplificações, formam a maior parte ou quase a totalidade de um capítulo do Evangelho de João. As longas narrativas com diálogos constituem imponentes peças de arte, literárias e teológicas, cuja clareza reflete o brilho do estilo do quarto evangelista.⁴⁷

A perícopes (Jo 9,1-12) é o relato de um milagre que envolve um lugar, fora do Templo; uma circunstância, Jesus viu o cego; um tempo, era sábado conforme nos é informado mais tarde na narrativa (Jo 9,14). Os personagens: Jesus e os

⁴⁵ Cf. SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio Según Juan I*, p. 132.

⁴⁶ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 462.

⁴⁷ Cf. SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio Según Juan I*, p. 308.

discípulos, Jesus e o cego, os vizinhos entre eles, os vizinhos e o cego. Todos desempenham seus papéis respectivos, com interação entre eles, elementos próprios de uma narrativa.

É possível distinguir, seguindo a crítica das formas o núcleo de uma primitiva história de milagre dentro da complexa estrutura criada por João. A história do milagre é claramente e convenientemente colocada no início do capítulo (Jo 9,1-7) seguida da reação dos que constataam a cura. O relato do milagre segue os três passos básicos, apresentados para o gênero literário de milagres: 1) a apresentação do problema, o encontro de Jesus com o enfermo com uma breve descrição da doença e de sua durabilidade; 2) o ato da cura, em geral envolvendo uma palavra ou gesto de Jesus; 3) a demonstração da cura, com a reação dos circunstantes. Observa-se em Jo 9,1-12, nesta última característica, um modo diferente do que ocorre na maioria dos milagres, ou seja, o louvor e a admiração.⁴⁸ Na narração deste sinal, a reação das pessoas tem o objetivo de afirmar a cura e de testemunhar em favor de Jesus.

Esse modelo completo de gênero literário está presente nos sete primeiros versículos do capítulo 9º de João: 1) Jesus vê um homem, cego de nascença (Jo 9,1; 2) a iniciativa parte de Jesus que emprega gestos, cospe na terra, aplica barro aos olhos do cego, (Jo 9,6) e uma ordem: “Vai lavar-te na piscina de Siloé” (Jo,9,7), para curá-lo e 3) após obedecer, o cego passa a enxergar (Jo 9,7), segue-se a reação dos vizinhos.⁴⁹

Quando se detém com um olhar mais aprofundado sobre a perícopes constata-se que é possível isolar o núcleo primitivo do relato sem nenhum dano da forma propriamente dita do milagre (Jo 9,1-7). Percebe-se que os detalhes da forma de um milagre, não estão igualmente distribuídos ao longo dos vv. Jo 9,1-7, mas se concentram apenas nos vv. Jo 9,1.6-7. Uma outra observação que se relaciona bem com essa percepção da crítica da forma é que os vv. Jo 9,2-5 contêm um diálogo que não é típico de história de um milagre, mas sim claramente marcado pelo vocabulário teológico de João. Aos discípulos que conveniente e repentinamente reaparecem em cena, questionando sobre de quem é a culpa do homem ter nascido assim e que emitem concepções errôneas, Jesus responde mudando o foco da história da causa da cegueira para o seu objetivo

⁴⁸ Cf. CHARPENTIER, Étienne. *Dos Evangelhos ao Evangelho*, p. 64.

⁴⁹ Cf. WEGNER, Uwe. *Metodologia do Novo Testamento*, pp. 165-171.

último no plano de Deus: “para que nele sejam manifestadas as obras de Deus.” Após ter colocado o tema típico Joanino da revelação de Deus agindo nele, Jesus aponta para a urgência de realizar as obras “enquanto é dia” enquanto durar a sua missão no mundo, isto é, antes que a noite de sua paixão e morte ponha um fim ao seu ministério (Jo 9,4). Tudo vai conduzindo para a grandiosa e verdadeira natureza de Jesus, ecoando Jo 8,12: “enquanto estou no mundo sou a luz do mundo” (Jo 9,5). Com grande habilidade o evangelista então utiliza uma oração conectiva “Isto dizendo” para voltar à história básica da cura. Deste modo, a linguagem, o estilo e o conteúdo teológico de Jo 9,2-5, tudo é perfeitamente Joanino e pode ser tirado de Jo 9,1-7 sem prejudicar qualquer parte essencial da história do milagre.

Por isso, é bem provável que os versículos Jo 9,1.6-7 representem o núcleo primitivo da cura do cego de nascença.⁵⁰ Pode ser que o diálogo teológico com os discípulos queira representar uma conversa inicial com o cego, ou que a conclusão original da história do milagre contivesse uma reação das pessoas carentes de luz ou substituídas pelas dúvidas e perguntas dos vizinhos do cego em Jo 9,8-12. No entanto, pode-se ter uma razoável certeza de que em Jo 9,1.6-7 “está o coração da mais antiga versão disponível dessa história de milagre.” A cura do cego de nascença, não é uma criação do evangelista. É certo que todo o capítulo 9º constitui uma peça tão grande e complicada de arte literária e teológica que se deve supor a existência de vários estágios de redação e tradição entre a primitiva história do milagre apresentada em Jo 9,1.6-7 e o importante tratado de teologia Joanina que é o capítulo 9º.⁵¹

A história original tem semelhanças com outras curas que circulavam na tradição oral, por exemplo: Mc 8,22-26 e Mc 10,46-52, mas a dispersão entre os motivos por diferentes histórias de diferentes correntes da tradição oral supõe que Jo 9,1.6-7 não se baseia em nenhuma delas. Admite-se a possibilidade de ser uma história independente, escrita antes da composição do Evangelho.

Tudo o que segue não relata a história do milagre em si, mas do debate cada vez mais animado sobre a realidade do milagre e a alegação de, ao curar, Jesus violar o sábado. Este é provavelmente um acréscimo à história do milagre. Funciona como um trampolim, para o desenvolvimento na controvérsia sobre

⁵⁰ Cf. HUNTER, A. M. *Saint Jean Témoin du Jésus de l'Histoire*, p. 94.

⁵¹ Cf. HUNTER, A. M. *Saint Jean Témoin du Jésus de l'Histoire*, pp. 90-98.

quem é Jesus, aquele que cura, mas viola o sábado. Este assunto está impregnado da teologia Joanina e faz parte da penosa separação entre a Igreja de João e a Sinagoga Judaica.

O texto pode ser dividido em 4 momentos:

1. Introdução - (Jo 9,1);
2. O diálogo teológico de Jesus com os discípulos - (Jo 9,2-5);
3. Os gestos de Jesus, o mandato de ir se lavar e a cura - (Jo 9,6-7);
4. O diálogo dos vizinhos entre si e com o cego - (Jo 9,8-12).

Encontra-se, em (Jo 5,1-18) a narrativa sobre a cura de um paralítico. Esta perícopete tem, basicamente, a mesma forma da que relata a cura do cego de nascença, apresentando os seguintes elementos:

1. Introdução - (Jo 5,5-6 cf. Jo 9,1).
2. Reação dos enfermos - (Jo 5,11 cf. Jo 9,25).
3. Eles não conhecem Jesus - (Jo 5,12 cf. Jo 9,11).
4. Jesus os reencontra em seguida - (Jo 5,14 cf. Jo 9,35).
5. Os dois miraculados denunciam inconscientemente Jesus aos Fariseus - (Jo 5,15 cf. Jo 9,11).
6. Interrogatório sobre a cura em dia de sábado - (Jo 5,9 cf. Jo 9,14).⁵²

As duas perícopes (Jo 5,1-18 e Jo 9,1-12), colocadas em paralelo, evidenciam uma forma semelhante: durabilidade e gravidade da doença, iniciativa de Jesus, cura, denúncia, com algumas diferenças: no caso do paralítico Jesus vê, é sensível à ausência da vida, estabelece um diálogo e usa da palavra para realizar a cura (Jo 5,7-8). Na cura do cego de nascença, Jesus de igual modo aproxima-se do sofrimento do ser humano, onde não há a luz da vida, porém a cura se realiza por gestos, acompanhados da Palavra expressa na ordem de ir se lavar. Com gestos e Palavras Jesus liberta o homem de sua cegueira, capacitando-o, recriando-o, elevando-o à dignidade humana, durante o longo percurso até à piscina e no interrogatório. É interessante notar que os dois milagres se realizam fora do Templo.⁵³

Aquele que voltou vendo testemunha corajosa e coerentemente a favor daquele do qual recebera a cura, até chegar a uma verdadeira confissão de fé, no

⁵² Cf. MEIER, John P. *Um Judeu Marginal Repensando o Jesus Histórico*, pp. 225-229.

⁵³ Cf. BUSSCHE, Henri Van Den. *Jean - Commentaire de l'Évangile Spirituel*, p. 321.

reencontro com Jesus (Jo 9,38). Isso mostra que fatos da fonte oral foram passados para o escrito Joanino, dentro de um modelo ou forma de redação, constituindo deste modo o gênero literário “relato de um milagre”.⁵⁴

A perícopre de Jo 9,1-12 mostra que a partir do encontro com Jesus, encontra-se a vida. Percebe-se, portanto, um entrelaçamento progressivo entre a luminosidade-dinamicidade, chegada da luz-vida com a presença de Jesus e o colocar-se a caminho, o ver, o testemunho e a fé expressa através do ato de adoração no reencontro com o recriador-doador da luz que é a vida.⁵⁵

b - Delimitação e estrutura do texto

Tradicionalmente, a delimitação desta narrativa é indicada pela citação Jo 9,1-41. Entretanto, com base em observações sobre a continuidade e descontinuidade da narrativa em relação ao seu entorno literário, proporemos a seguinte delimitação.

A delimitação desta unidade maior constitui um desafio.⁵⁶ Enquanto uma série de motivos atesta o fato de que Jo 9,1 inaugura um novo assunto em relação à passagem anterior, não há idêntica clareza quanto ao término.

O início da perícopre é apontado de forma bastante clara pela mudança de ambiente, iniciada em Jo 8,59: Jesus fugia de uma agressão no Templo de Jerusalém e, ao passar, (Jo 9,1) encontra o cego, já não se está mais no Templo, mas na porta, ou no *caminho* onde o cego ficava sentado pedindo esmolas (Jo 9,8). Observa-se aqui uma precisa relação e ao mesmo tempo ruptura com o texto anterior expressa na conjunção coordenativa *καὶ* e o verbo *παραγων*. Estes elementos indicam a mudança de lugar e cenário. Quer dizer, saindo do interior do

⁵⁴ Cf. SCHNAKENBURG, Rudolf. *El Evangelio Según Juan I*, p. 236. O capítulo 9º de João expressa em primeiro lugar uma intenção teológica: Jesus é a luz do mundo que veio para libertar os homens prisioneiros das trevas. Desloca-se assim a atenção para os versículos Jo 9,2-5 como o centro de toda a perícopre. Esta colocação vem de encontro com outro autor: Méier diz ser impossível um único exemplo de cura de alguém especificamente dado como cego de nascença. Além do mais um cego de nascença proporciona um conveniente símbolo de uma humanidade nascida em um mundo de escuridão espiritual. “Levando em conta estas tendências teológicas, é quase impossível ter como certo a historicidade do detalhe do homem ser cego de nascença”.

⁵⁵ Cf. MATEUS, Juan & BARRETO, Juan. “Criação”, *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, pp. 48-49.

⁵⁶ Cf. KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João - Amor e Fidelidade* pp. 22-24. O “marco zero” de um texto com tantas marcas redacionais como a cura do cego de nascença (cf. crítica literária, item 2.3) não pode ser confundido simplesmente com sua forma mais primitiva. Nesta dissertação, propomos que seja considerado o texto em sua formulação mais completa com suas sub-unidades cf. alguns autores já citados, porém com uma diferença: considera-se o texto Jo 10,1-18 uma inclusão e Jo 10,19-21 como fazendo parte da grande unidade que é o capítulo 9º de João.

Templo, onde se havia estabelecido o confronto com os “judeus”, colocado no último v. do capítulo 8º e passando pela porta, arredores do Templo, o olhar de Jesus se volta para um cego de nascença. A ruptura é clara também quanto ao assunto: a discussão da perícopes anterior, sobre a filiação divina de Jesus, desaparece completamente. Desaparecem também os “judeus” que haviam nele crido (Jo 8,31).

Aparece o cego (Jo 9,1), e os discípulos (Jo 9,2-5) no diálogo teológico com Jesus. Esta parte da perícopes, conforme sugere Méier,⁵⁷ pode ser isolada do milagre em si, mas parece que do modo como ela foi inserida no contexto da cura está indicando o sentido simbólico. Observa-se aqui que a coerência deriva do tema central do texto “Jesus a luz do mundo”, em relação à cegueira e às obras do Pai realizadas por Jesus. A conjunção aditiva coordenativa καὶ no início do v. 2 é também um fator de coesão entre as partes. Nota-se também, mais adiante, a presença dos vizinhos (Jo 9,8), os fariseus (Jo 9,13), os pais daquele que passou a ver (Jo 9,18). O diálogo de controvérsia do capítulo anterior dá lugar a uma narrativa dramática. Porém o mais importante fator de coesão do texto é a referência contínua ao ex-cego. Trata-se de um personagem inédito em todo o Evangelho e central em todo o episódio.

Tais indícios nos levam ao esclarecimento de onde começa a perícopes. Por outro lado, nos levam a suspeitar da delimitação final, normalmente colocada em Jo 9,41. Embora não haja nenhuma notícia de mudanças de natureza topográfica ou de ordem cronológica, nem a inclusão de novos personagens,⁵⁸ parece haver uma mudança de gênero literário desenvolvido até aqui. Desaparecem os traços literários de Jo 9,1-41 passa-se a falar da autoridade de Jesus e de sua liderança em relação aos discípulos através da alegoria do bom Pastor.

Entretanto na seqüência encontra-se o fragmento narrativo de Jo 10,19-21. A primeira evidência é a menção a *abrir os olhos cegos* (Jo 10,21). Um assunto que havia sido abandonado por 18 versículos simplesmente volta à tona. A decisão redacional de interromper o episódio do cego de nascença para a inclusão de Jo 10,1-18 pode estar vinculada tanto ao objetivo de explicitar o tema da

⁵⁷ Cf. MEIER, John P. *Um Judeu Marginal: Repensando o Jesus Histórico*, p. 226.

⁵⁸ Cf. DODD, Charles A. *Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 456. Alguns autores, como já foi citado acima, dizem que a primeira ovelha do rebanho é o cego de nascença a quem Jesus devolve a dignidade da vida - portanto ele seria um personagem implícito nesta perícopes.

perícopes interrompida, como a de justificar mais plenamente a violenta reação dos “judeus” em Jo 10,20.

O discurso de Jo 10,1-18 parece ser, portanto, um acréscimo posterior, possivelmente destinado a explicitar a discussão sobre a autoridade religiosa implícito na cura do cego de nascença. Este acréscimo revela uma intuição que não deixa de reforçar a mensagem implícita da perícopes.⁵⁹ Quanto a Jo 10,22, indica mudanças de ordem topográfica: da rua para o Templo, litúrgica: festa da dedicação do Templo, e de gênero literário: diálogo de controvérsia.

Contando com a inclusão posterior do capítulo Jo 10,1-18, comumente colocada por autores⁶⁰ como fazendo parte do episódio do cego de nascença, a grande unidade se divide em dois grandes blocos de sub-unidades, compondo assim, a sua estrutura:⁶¹

I- a narrativa do cego propriamente dita (Jo 9,1-41).

- 1 - o sinal como se apresenta - o diálogo teológico com os discípulos, e a cura do cego (Jo 9,1-7);
- 2 - a reação dos vizinhos (Jo 9,8-12);
- 3 - primeiro confronto com as autoridades (Jo 9,13-17);
- 4 - segundo confronto com as autoridades (Jo 9,18-23);
- 5 - o terceiro confronto com as autoridades (Jo 9,24-34);
- 6 - o reencontro de Jesus com o cego e a profissão de fé (Jo 9,35-38);
- 7 - os cegos que não querem ver e recusam a luz, as autoridades (Jo 9,39-41);

II- um epílogo, contendo um monólogo de Jesus, “cenas do pastoreio” (Jo 10,1-21).

- 1 - o tema da divisão em torno de Jesus (Jo 10,1-18);
- 2 - retomada do início (Jo 10,19-21 cf. Jo 9,1-7).⁶²

⁵⁹ Cf. KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João - Amor e fidelidade*, p. 222.

⁶⁰ Citamos como exemplo DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, pp. 449-459;

LÉON-DUFOUR, Xavier. *Leitura do Evangelho de João II*, pp. 223-267 e KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João - Amor e Fidelidade*, pp. 292-210.

⁶¹ Cf. KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João - Amor e Fidelidade*, pp. 192-196.

⁶² Cf. KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João - Amor e Fidelidade*, pp. 192-208.

A perícopé que me proponho trabalhar encontra-se no começo do capítulo, já bem demarcada acima, no seu início Jo 9,1, com sua delimitação final bem expressa pela mudança de cenário e da entrada de novos personagens na narrativa Jo 9,13. Abrange duas sub-unidades, mas também parece estar relacionada com o todo, pelo fato de fazer parte da mesma grande unidade.

c - Crítica da tradição

O Antigo Testamento narra várias curas de cegos. Nos casos de cegueira temporária podia realizar-se uma cura miraculosa. Assim aconteceu com os habitantes de Sodoma, quando tentaram abusar dos dois anjos que se hospedavam com Ló: feridos temporariamente de cegueira não conseguiram encontrar a entrada da casa (Gn 19,11). Em (2Rs 6,18-22), encontra-se o relato da tentativa do rei de Aram de capturar o profeta Eliseu. O profeta então orou ao Senhor e os soldados Sírios foram feridos de cegueira parcial e conduzidos a Samaria, capital de Israel. Lá, também a pedido de Eliseu, eles voltaram a ver.

Em se tratando da cura da cegueira permanente, encontra-se em Tobias,⁶³ o relato da cura de Tobit, pai de Tobias. O gesto do sopro e o fel do peixe foram empregados para curar os olhos deste homem. Observa-se, no entanto, que para o povo do Antigo Testamento não havia muita esperança para quem era cego, sendo que a cura para a cegueira era um dos milagres esperados para os últimos dias. O profeta Isaías proclamou que “Naquele dia, os surdos ouvirão o que se lê, e os olhos dos cegos, livres da escuridão das trevas, tornarão a ver” (Is 29,18), e “Eis que o vosso Deus vem para vingar-vos, trazendo a recompensa divina. Ele vem para salvar-vos. Então se abrirão os olhos dos cegos, e os ouvidos dos surdos se desobstruirão” (Is 35,4-5).⁶⁴

No oráculo de (Is 42,18-25), Iahweh se manifesta desejando curar também os cegos espirituais. O povo é prisioneiro da escuridão, na qual não consegue enxergar as maravilhas realizadas por Deus e conseqüentemente se afasta de seus caminhos. Israel é apresentado como sofrendo de cegueira, não podendo, com isso, ver o sentido da história - o desígnio de Deus com o exílio era o de fazer seu povo

⁶³ Cf. Tobias 6,5.9;11,12ss.

⁶⁴ Cf. SCHOKEL, Alonso L. & SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I*, p. 254.

“voltar-se com fé e confiança para o futuro anunciado por Deus: agindo assim, o povo recobrará sua vista”.⁶⁵

O cumprimento das promessas de cura da cegueira no Antigo Testamento, tanto física quanto espiritual, aparece no ministério de Jesus de Nazaré. Na resposta dada aos enviados de João Batista, indagando sobre sua pessoa e obras, Jesus coloca-se como o cumpridor das promessas vétero-testamentárias: “Ide contar a João o que estais vendo e ouvindo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados” (Mt 11,4-5). Todavia, é preciso distinguir entre os Sinóticos e o Evangelho de João no que se refere à palavra fé, ausente neste Evangelho. Em contrapartida o verbo “crer” é mencionado em torno de cem vezes mais ou menos. A verdadeira fé para João é alguma coisa dinâmica e ativa. Constata-se esta dinamicidade na cura do enfermo de Betsaida (Jo 5,1-18) e na cura do cego de nascença (Jo 9,1-12). Para João, Jesus não é um fazedor de milagres e sim realiza sinais. Estes têm o objetivo de uma adesão a Jesus e enfatiza o aspecto teológico, simbólico de uma verdade espiritual. Jesus prefere a fé sem os “sinais” mas admite a utilidade das “obras” para aqueles dos quais a fé é mais fraca.⁶⁶

Contra-pondo-se com a regra de Qumran⁶⁷ e a tradição judaica, no (Novo Testamento), Jesus acolhia cegos em sua comunhão, dando-lhes deste modo, participação ativa no Reino de Deus. Para um homem que o convidara a uma refeição, Jesus recomendou-lhe que convidasse os pobres e os cegos: “...quando deres uma festa, chama pobres, estropiados, coxos, cegos; feliz serás, então, porque eles não têm com que te retribuir. Serás, porém, recompensado na ressurreição dos justos” (Lc 14,13-14).

Constata-se que curas de cegos já é assunto predileto na tradição sobre Jesus de Nazaré.⁶⁸ Ele teria curado muitos cegos.⁶⁹ Tais curas eram sinais messiânicos (Mt 11,4.5) reportando a Is 29,18; Is 35,5 e também uma crítica à cegueira do judaísmo em relação à aceitação da pessoa de Jesus Jo 9,39-41; Mt 12,22-28; Mt 15,14.

⁶⁵ Cf. SCHOKEL, Alonso L. & SICRE DIAZ, J. L. *Profetas I*, p. 298.

⁶⁶ Cf. HUNTER, A. M. *Saint Jean Témoin du Jésus de l'Histoire*, pp. 87-98.

⁶⁷ Cf. VIELHAUER, Philipp. *História da Literatura Cristã Primitiva*, p. 443.

⁶⁸ Cf. SCHNACKENBURG, Rudolf. *El Evangelio Según Juan II*, p. 120.

⁶⁹ Cf. Mt 9, 27-31; 12,22; 15,30; 21,14; - Mc 8,22,25; 10,46-52; - Lc 7,21.

Todo o ministério de Jesus, incluindo a cura dos cegos, apontava para o fato de que o Messias havia chegado para Israel. Já no início de sua vida pública, lendo o livro do profeta Isaías, na Sinagoga de Nazaré (Lc 4,16-19), Jesus mencionou que recebera a unção do Espírito para o cumprimento de sua missão, sendo que a “recuperação da vista aos cegos” integra o seu programa de vida (Lc 4,18). O fato dos milagres “σημεία” (sinais) em João serem menos numerosos, está relacionado a uma escolha do evangelista que segundo o autor teria feito muitos outros sinais. Estes foram escolhidos, para o fortalecimento de uma fé salutar, entre os leitores (Jo 21,2).

A cura do cego de nascença (Jo 9,1-12) é um dos milagres realizados por Jesus no “Livro dos Sinais” do Evangelho de João, dentre os sete mencionados pelo autor, representando as obras de Cristo em sua totalidade, são “σημεία” (sinais) de sua obra acabada. Ela está, portanto, entrelaçada aos outros sinais. Certamente ao entrar no debate histórico da construção da obra, pode-se provavelmente argumentar que o capítulo 9º de João, que tem por si mesmo um caráter distinto, existiu a princípio como unidade separada, provavelmente deve ter sido tirado de uma história que incluía discursos e diálogos de controvérsia que fazem parte dos capítulos 7º-8º de João.⁷⁰

Não é casual que o tema geral da vida eterna⁷¹ comece com o nascimento de Jesus (Jo 3,3-8) e termine com a vitória da vida sobre a morte e a transformação da própria morte na glória, isto é, a exaltação do Filho de Deus no sétimo sinal.⁷² Esta colocação faz eco no texto, que originalmente era a conclusão de todo o Evangelho. “Jesus fez ainda, diante de seus discípulos, muitos outros sinais, que não se acham escritos neste livro. Esses, porém, foram escritos para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20,30-31).

⁷⁰ Cf. DODD, Charles A. *A Interpretação do Quarto Evangelho*, pp. 60-61.

⁷¹ Cf. KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João - Amor e Fidelidade*, pp. 56-57. “João evita falar em ‘reino de Deus’. Substitui praticamente este conceito por ‘vida eterna’: a vida que vivemos na opção de fé assumida diante da Palavra e da prática de Jesus é o exercício da vontade de Deus, desde já - ou seja, aquilo que o ‘reinado de Deus’, profundamente, significa”.

⁷² Há alguns autores que entram em contradição no que se refere ao “sétimo sinal” - por exemplo: DODD, Charles A. diz ser a “morte de Jesus na cruz” - outros o atribuem à ressurreição de Lázaro, quando contam, separadamente o episódio da multiplicação dos pães e a passagem sobre o mar. Esta constatação alerta para o simbolismo, característica de João presente também no número sete. Como já se disse o Evangelho todo é simbólico.

O percurso feito no terceiro capítulo possibilitou uma melhor compreensão e acesso ao texto tal como ele chegou até nós. Ao mesmo tempo nos permitirá um ensaio exegético, sustentado por uma análise em que se esforça, tanto quanto possível, para a aproximação um pouco mais exata do texto, como ele se apresenta, em sua forma atual. A exegese é o próximo passo a ser dado.